

# REDES DE PESQUISA E COLABORAÇÃO

Conhecimento, avaliação e o  
controle internacional da ciência

## Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UTP  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

REDES DE PESQUISA  
E COLABORAÇÃO  
Conhecimento, avaliação e o  
controle internacional da ciência

Denise Leite (org.)  
Célia Elizabete Caregnato (org.)

Olga del Pilar Vásquez Cruz  
Maria Isabel Gomes de Pinho  
Ernesto Dominguez  
Elizeth Gonzaga dos Santos Lima  
Maria Elly Herz Genro



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2018

Capa: Cintia Belloc

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Tradução do espanhol-português: Maria Alexandra Clavijo Loor

Revisão: Felícia Volkweis

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

R314

Redes de pesquisa e colaboração: conhecimento, avaliação e o controle internacional da ciência / organizado por Denise Leite e Célia Elizabete Caregnato. -- Porto Alegre: Sulina, 2018.  
207 p.

ISBN: 978-85-205-0800-8

1. Educação. 2. Produção Científica - Universidade. 3. Redes de Pesquisa. 4. Universidade – Produção de Conhecimento. I. Leite, Denise. I. Caregnato, Célia Elizabete.

CDD: 370

CDU: 378

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Julho/2018

## **Agradecimentos**

Ao CNPq, pelo apoio nas pesquisas, bolsas de produtividade, bolsas pós-doc e bolsas BIC.

À Capes, pelo apoio com as bolsas Doutorandos e BIC.

À Editora Sulina, na pessoa de Luis Gomes, que acredita nos autores e na temática Redes de Pesquisa.

Ao PPGEduc Ufrgs e aos seus coordenadores, pelos tempos e espaços ofertados para armar as redes internacionais.



# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> – A arte de produzir conhecimento em rede sobre redes .....	9
<i>Denise Leite, Célia Elizabete Caregnato</i>	
<b>Prefácio I</b> – Não há longe nem distância. Notas para uma avaliação participativa de redes de pesquisa e colaboração em educação superior .....	11
<i>Almerindo Janela Afonso</i>	
<b>Prefácio II</b> – Redes de pesquisa e colaboração, produção científica, avaliação e o controle internacional da ciência .....	17
<i>Axel Didriksson Takayanagui</i>	
<b>CAPÍTULO 1</b> – A pesquisa interinstitucional e internacional sobre avaliação e redes de pesquisa .....	21
<i>Denise Leite, Célia Elizabete Caregnato, Bernardo Sfredo Miorando</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> – Redif: experiência de trabalho colaborativo. Rede Nacional de Investigação sobre Deslocamento Interno Forçado.....	51
<i>Olga del Pilar Vásquez Cruz, María Alejandra Peña Castellanos</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> – Cipes: um centro de pesquisa de excelência construído a partir das redes individuais.....	73
<i>Maria Isabel Gomes de Pinho</i>	

<b>CAPÍTULO 4</b> – DEyA: produção, redes e colaboração na área de educação. Departamento de Enseñanza y Aprendizaje, Universidad de la República .....	93
<i>Ernesto Domínguez</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> – Rbbio: Rede de Pesquisa de Biodiversidade nos Biomas Cerrado, Floresta Amazônica e Pantanal do Estado de Mato Grosso .....	109
<i>Elizeth Gonzaga dos Santos Lima, Flávio Luiz Silva Jorge da Cunha, Jaime Santana Orro Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> – InovAval: tecendo redes de parcerias na universidade para a formação do sujeito político no horizonte democrático .....	131
<i>Maria Elly Herz Genro, Bernardo Sfredo Miorando, Priscila Bier da Silveira, Aline Tamires Kroetz Ayres Castro</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> – Redes e colaboração: um mundo de interconexões e conhecimentos .....	151
<i>Denise Leite, Célia Elizabete Caregnato, Bernardo Sfredo Miorando</i>	
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	183
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO 1</b> – Protocolo de estudo de casos – Pesquisa II .....	193
<b>ANEXO 2</b> – Estudos de redes internacionais .....	197
<b>ANEXO 3</b> – Pesquisas derivadas.....	203
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	205

# APRESENTAÇÃO

## **A arte de produzir conhecimento em rede sobre redes**

Pesquisadores de Colômbia, Portugal, Uruguai e Brasil formaram uma rede para estudar redes. Mostram nesta obra que a arte de produzir conhecimento em redes de pesquisa e colaboração – avaliando estas redes e os processos interativos de conexões – pode ser uma chave para o crescimento e a internacionalização das investigações no mundo globalizado.

Este estudo decorre de pesquisas financiadas pelo CNPq nas quais a temática foi analisada através de estudos focados nos modos em que se processa a colaboração em pesquisa nas realidades dos diferentes países. Apresenta as redes estudadas e analisa seus ciclos de vida e o conhecimento gerado. Inclui, ainda, um breve resumo das tecnologias de construção de marcadores de avaliação para redes de pesquisa e colaboração que permitem aos líderes de redes de pesquisa trabalhar com a análise e a valorização de suas ações. Os marcadores de avaliação sugeridos podem ser empregados para reflexão coletiva, participativa e individual, necessárias ao desenvolvimento e à manutenção de redes de pesquisa, evitando seu desaparecimento ou morte prematura.

Os autores entendem que as redes são lócus das aprendizagens necessárias ao avanço das pesquisas, à manutenção das parcerias e à formação de novos pesquisadores. Dada a importância das coautorias na formação das redes acadêmicas de pesquisa e colaboração, levantam questionamentos sobre o mercado inter-

nacional de publicações e sobre um possível controle internacional da ciência. Os estudos reportados na obra mostram que a troca entre conhecimentos e conhecedores dos conhecimentos se faz em um terreno fértil de inter-relações subjetivas, pois, em cada rede formada, se cria um novo ecossistema cognitivo. Teoria e prática da produção de conhecimento reafirmam o espaço do ecossistema, que tanto recebe quanto produz influência na produção científica nacional e internacional, seja pela similaridade de conceitos e teorias empregadas nas publicações, seja pela inovação disseminada.

Nós, os autores desses estudos, esperamos que os leitores sejam parceiros das teias de conhecimentos que armamos nesta obra e que, com sua leitura crítica, entrem conosco neste mundo maravilhoso, crescentemente importante, o mundo das redes na 4ª Era da Pesquisa.

Denise Leite  
Célia Caregnato

# PREFÁCIO I

## Não há longe nem distância. Notas para uma avaliação participativa de redes de pesquisa e colaboração em educação superior

Almerindo Janela Afonso

Quando, em 1980, durante um mês em Bogotá e Cartagena das Índias (Colômbia), tive a rara oportunidade de vivenciar uma extraordinária e singular experiência de vida e de aprendizagem (de estudo, reflexão crítica e interação humana), na qual participaram muitos jovens universitários ou já profissionais que, tal como eu, representavam, nesse curso, mais de uma dezena de países da América Latina, antes de retornar ao Brasil, ofereceram-me, com uma dedicatória, o pequeno livro de Richard Bach, *Ningún lugar está lejos*. Nunca esqueci o conteúdo e o título, que só ao longo da vida fui percebendo em todas as suas dimensões reais e simbólicas. Regressei, mas, naquela época, a distância e o tempo superavam-se essencialmente pela *saudade* ou *nostalgia* – sentimentos que muitas pessoas só raramente são capazes de apreender fora da nossa cultura lusófona e latino-americana.

Não havia ainda internet, nem e-mail, nem eu sabia muito bem o que era um computador. Um colega argentino ainda me visitou em minha casa, em São Paulo, mas os outros contatos foram se perdendo. Hoje, certamente, isso não aconteceria assim. Entre as muitas mudanças profundas das últimas décadas, vivemos no contexto de um capitalismo informacional pós-nacional que diariamente atualiza e recria o que, de certo modo e *avant la lettre*, prometia o título da tradução portuguesa dessa mesma obra de Richard Bach, *Não há longe nem distância*.

A compressão do tempo-espaço, que David Harvey, há quase três décadas, tão bem discutiu na *Condição pós-moderna*, a propósito da transição do fordismo para o pós-fordismo, tem hoje novas expressões e apropriações que se traduzem na expansão do *capitalismo cognitivo* a partir da centralidade econômica do conhecimento, apoiada, em grande medida, pela ampliação global do acesso (desigual) às tecnologias da informação e da comunicação. É esta centralidade emergente da produção *imaterial* que reinventa as práticas sociais, nomeadamente através dos usos múltiplos das redes sociais, em geral, e das redes científicas de pesquisa e colaboração, em particular. Tudo, num primeiro instante, parece estar a passar-se *aqui e agora*. No entanto, se isso é verdade em termos tecnológicos e digitais, não dá conta, com objetividade, dos tempos e espaços que recriamos e alargamos quando a colaboração entre pares e pesquisadores pressupõe e exige tempos múltiplos e variados (“temporalidades complexas”, como diria Bob Jessop). E é nestas temporalidades complexas que se inscrevem processos novos de participação ampliada na produção de conhecimento e reflexividade crítica – tarefa, aliás, mais fácil de enunciar do que de praticar. Na verdade, trata-se não apenas de fugir à quantofrenia congruente com uma (suposta) ciência *just in time*, ditada pelos cerceamentos impostos por uma outra compressão do tempo-espaço, exigida pela desenfreada produtividade do capitalismo acadêmico numa economia do

conhecimento, mas de resistir para fazer ciência com profundidade teórico-conceitual e metodológica (sem deixar de lado as questões propriamente políticas, sociais e éticas).

E esta resistência (se não for ingênua ou meramente retórica) passa também por equacionar formas alternativas de avaliação do trabalho científico produzido nas redes de pesquisa e colaboração. As redes ocupam muito tempo dos investigadores, que só assim multiplicam os contatos e dão maior densidade científica e humana à produção do conhecimento científico. Podem ser vistas como comunidades interpretativas e comunicacionais que pressupõem outras formas de avaliação, que não se circunscrevam a procedimentos usuais da comunidade científica. O cruzamento de percepções e a construção de argumentos e alternativas pela *ação comunicativa*, na linha habermasiana, tornar-se-ão mais objetivos pelo exercício dialógico da validação intersubjetiva dos juízos (parcelares) de avaliação.

Mas sabemos ainda muito pouco como concretizar esse exercício. Precisamos experimentar e construir novos procedimentos, mesmo porque “a colaboração expressa no trabalho de pesquisa em grupo, nas redes de pesquisa, ainda não constitui objeto de avaliação sistemática”, embora já estejam disponíveis propostas interessantes sobre *marcadores*, necessários para ir além dos dados meramente quantitativos, e perceber, por exemplo, como se processa a intensidade das colaborações nas redes (cf. Denise Leite et al. A avaliação de redes de pesquisa e colaboração. *Avaliação*, v. 19, n. 1, p. 291-312, 2014a).

Isso, porém, não é suficiente para contrariar a forte dominância para a avaliação de produtos ou resultados, face a uma ausência de avaliação dos processos – situação que me parece ser similar à de outros países semiperiféricos no contexto mundial, como Portugal. Nesse caso, e apesar de a integração em redes de investigação ser já valorizada nos relatórios anuais de avaliação dos investigadores e docentes universitários portugueses,

a avaliação destes trabalhos é igualmente centrada nos produtos e resultados mensuráveis. Avaliar os processos, pelo contrário, implica necessariamente metodologias específicas, mais complexas e menos tradicionais, porque envolvem pessoas em ação em condições de trabalho que não exigem necessariamente espaços físicos permanentes, mas que pressupõem motivações distintas, orientações estratégicas claras, disponibilidades para partilhar (e pôr em causa) os conhecimentos da investigação, exercício de reciprocidade e de colaboração frequentes, escrutínio permanente dos pares (desde logo, no interior da própria rede), assunção de valores político-ideológicos negociados e explícitos, confronto mais sistemático com visões concorrenciais sobre o que é fazer ciência, nomeadamente quando se trata do campo das ciências sociais e humanas, onde se inclui a educação.

As possibilidades criativas são, todavia, incomensuráveis. As redes de investigação colaborativa, ao internacionalizarem-se, podem, por exemplo, dar uma nova centralidade aos conhecimentos científicos produzidos nos países semiperiféricos e periféricos do sistema mundial, e esbater as diferenças de poder na produção de conhecimento entre o norte e o sul global, na condição de a colaboração ser realizada numa lógica de reciprocidade e de justiça cognitiva, sem hierarquias estatutárias ou académicas eurocêntricas ou neocoloniais. Estas, frequentemente, assumem uma suposta neutralidade fictícia e, mesmo sem essa intenção, reproduzem a colonialidade do saber científico hegemônico. Por isso, conforme o caso, às redes mais progressistas de pesquisa e colaboração não interessa apenas a liderança ou a competência científica e metodológica do *ego da rede*, mas também as suas convicções políticas e éticas.

Nesse sentido, as redes de investigação e colaboração têm algumas semelhanças, em termos de princípios metodológicos, com o investigador-coletivo, mas distinguem-se deste, entre outras dimensões, pelo fato de essas redes não visarem à investiga-

ção-ação no sentido do *empowerment* de sujeitos e comunidades excluídas que querem transformar uma dada realidade social e vivencial injusta. Mesmo assim, não deixa de ser possível que, em certas condições, e com outros objetivos, algumas redes (ou nós dentro das redes) sejam constituídas por parcerias que produzam conhecimento coletivo ao serviço do “conhecimento-emancipação” (para usar aqui a significativa expressão de Boaventura de Sousa Santos).

A avaliação tornou-se ubíqua e as visões e práticas hegemônicas não podem deixar de ser confrontadas através de uma disputa por novos significados. Assim, muito embora a avaliação das redes esteja ainda pouco teorizada, e a busca por uma metodologia alternativa esteja começando a ser posta em prática (como, aliás, este livro nos dá conta), sendo também escassas as propostas que a assumem, a ela própria, como objeto de pesquisa, isso não justifica que devamos transpor mimeticamente para o novo campo da avaliação das redes de pesquisa e colaboração científica os mesmos procedimentos de medida e de controle que são hoje hegemônicos na avaliação da educação superior.

A este propósito, na sequência de interessantes trabalhos anteriores, como o que há pouco mencionei, veio recentemente a lume o livro *Evaluating Collaboration Networks in Higher Education Research* (cf. Denise Leite e Isabel Pinho, Palgrave Macmillan, 2017), que disponibiliza aos leitores e cientistas de diferentes áreas um conhecimento pertinente e inovador sobre a avaliação de redes de pesquisa e colaboração, contribuindo assim para diminuir uma lacuna neste campo e dar visibilidade social e acadêmica a um objeto ainda relativamente desconhecido. À primeira vista, o objeto parece simples e autoexplicativo, mas a sua leitura revela uma densidade teórica e uma atualização significativa da (re)configuração do campo da reflexão teórico-conceitual e da prática de investigação, fugindo aos cânones tradicionais de fazer ciência.

Como refere um autor, a representação de rede ou network foi inicialmente associada a *tecido*, enquanto conjunto de fios entrelaçados, linhas, nós, interconexões; uma malha que encobre, mas também revela ou sugere, e que supõe continuidade (cf. Soledad Vercellino. La metáfora de la rede en el concepto foucaultiano de dispositivo. *Oficina do CES*, n. 425, 2015). Este novo livro coletivo – *Redes de pesquisa e colaboração. Produção científica, avaliação e o controle internacional da ciência* – inscreve-se nessa *continuidade*, tão própria das redes. Será, certamente, mais um contributo incontornável de um grupo e de uma linha de pesquisa que se vai internacionalizando cada vez mais, com contributos fundamentais para o campo das ciências sociais e humanas.

Braga, primavera de 2017